Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.16, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

PAPEL DO TERAPEUTA OCUPACIONAL NA ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS: ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA RELAÇÃO COM FAMÍLIA E ESCOLA.

THE ROLE OF THE OCCUPATIONAL THERAPIST IN THE SCHOOLING OF AUTISTIC STUDENTS: BETWEEN CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN THE RELATIONSHIP WITH FAMILY AND SCHOOL

Arthur Machado Santos Serconi
Bolsista de Iniciação Cientifica
Instituição: Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ
E-mail: arthursesconi9@gmail.com

Mariana Torres Fernandes da Costa
Graduanda de Terapia Ocupacional
Instituição: Instituto Superior da AFAC - ISAFAC
E-mail: marianatcosta@gmail.com

Yago Sodré Franca
Graduando de Terapia Ocupacional
Instituição: Instituto Superior da AFAC_ ISAFAC
E-mail: yagofranca1998@gmail.com

Noelle Pedroza Silva Rodrigues Ferreira
Mestre em Ciência
Instituição: Centro Universitário do Rio de Janeiro _ UNIRJ
E-mail: noelle_ps@hotmail.com

Angela Maria Bittencourt Fernandes da Silva
Pos-Doutorado em Ciências
Instituição: Instituto Federal do Rio de Janeiro -IFRJ
E-mail: angela.silva@ifrj.edu.br

Recebido: 11/08/2025 – Aceito: 15/08/2025

Resumo

O lúdico na escola envolve jogos e brincadeiras e se transformam em grande ferramenta para estimular pessoas com diagnostico de transtorno do espectro autista (TEA), por favorecer diversas competências cognitivas, promover aproximações dos aspectos social, emocional e motor. Assim, ele é reconhecido como recurso terapêutico altamente eficaz que somados com as metas de cuidado do terapeuta ocupacional traz resposta inovadora e abraçar não só as carências cognitivas dos alunos, como também assessora os pais permitindo abordagem inclusiva, com contribuições significativas e impactantes. **Objetivo:** descrever a percepção dos docentes frente a inclusão destes alunos. **Método:** Pesquisa exploratória, observacional e descritiva com abordagem qualitativa se ancorando na análise de conteúdo de Bardin, para classificar os dados. Os municípios de São

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

Gonçalo, Magé e Cachoeiras de Macacu, foram selecionados para responder a entrevista com os docentes, visando responder as seguintes questões norteadoras: Ao seu ver, quais são os desafios e as possibilidades na escolarização de alunos com TEA? Quais problemas e intervenções impactam na aquisição de suas competências e potencialidades? Qual a sua percepção quanto o exercício profissional do terapeuta ocupacional na educação. **Resultado:** Está pesquisa contou com 12 participantes, sendo 5 docentes, 1 gestor, 1 terapeuta ocupacional e 3 bolsistas. Pelas verbalizações, apurou-se três categorias: Desafios na Comunicação e Interação Social, Carência de informação e Profissionais Qualificados, Sobrecarga Docente e Falta de Suporte Estruturado. **Conclusão:** O terapeuta ocupacional pode atuar diretamente na realidade escolar, promovendo o desempenho ocupacional dos autistas, ao realizar adaptações dos materiais pedagógicos, gerando estímulos cognitivos, consciência corporal, promovendo por meio do brincar e as vivências coletivas.

Palavras chaves: Autismo. Família. Escola. Terapia Ocupacional. Inclusão

ABSTRACT
Playfulness at school involves games and activities that become a great tool for stimulating people diagnosed with autism spectrum disorder (ASD), as it favors various cognitive skills and promotes social, emotional, and motor development. Thus, it is recognized as a highly effective therapeutic resource that, combined with the occupational therapist's care goals, provides an innovative response and addresses not only the cognitive needs of students but also advises parents, allowing for an inclusive approach with significant and impactful contributions. Objective: to describe teachers' perceptions of the inclusion of these students**. Method:** Exploratory, observational, and descriptive research with a qualitative approach based on Bardin's content analysis to classify the data. The municipalities of São Gonçalo, Magé, and Cachoeiras de Macacu were selected to respond to the interview with teachers, aiming to answer the following guiding questions: In your opinion, what are the challenges and possibilities in the schooling of students with ASD? What problems and interventions impact the acquisition of their skills and potential? What is your perception of the professional practice of occupational therapists in education? **Results:** This research had 12 participants, including 5 teachers, 1 manager, 1 occupational therapist, and 3 scholarship recipients. Based on their responses, three categories were identified: Challenges in Communication and Social Interaction, Lack of Information and Qualified Professionals, Teacher Overload, and Lack of Structured Support. **Conclusion:** Occupational therapists can work directly in schools, promoting the occupational performance of autistic children by adapting teaching materials, generating cognitive stimuli and body awareness, and promoting play and collective experiences.

Keywords: Autism. Family. School. Occupational Therapy. Inclusion.

1. Introdução

O mundo contemporâneo é essencialmente sensorial, interpretar e reagir a estímulos se caracterizando com fundamental entre as ações humanas, que envolve todos os sentidos - tato, audição, olfato, paladar, visão, vestibular, propriocepção e interocepção - cuja atividade é captada pelo Sistema Nervoso Central (SNC), tanto do corpo quanto do ambiente, de forma inconsciente. O processamento destes estímulos, resultam em respostas e ações adequadas, principiado ainda no útero, quando o bebê começa a perceber impressões do corpo materno que influência diretamente seu desenvolvimento (Serrano, 2016).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

A resposta adaptativa, é essencial para que o autista consiga perceber, processar, aprimorar, inibir e integrar estas informações (Andrade, 2020; Monteiro et al., 2020) pelo processamento cerebral pode gerar motivação para enfrentar novos desafios, assimilar aprendizados e promover o desenvolvimento.

Quando o SNC apresenta dificuldades neste processamento, surge a Disfunção de Integração Sensorial (DIS), que impacta negativamente no funcionamento no âmbito comportamental, motor, funcional, cognitivo, emocional e social, mesmo que seja processo automático, a DIS pode passar despercebida para aqueles que não estão capacitados de identificá-la (Araújo, 2020) e cujas alterações resultam em dificuldades na realização e participação das atividades rotineiras, na comunidade e na escola (Camarata; Miller; Wallace, 2020).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se caracteriza pelo distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado pelo desenvolvimento atípico, comportamentos repetitivos e estereotipados, além de déficits nas relações intrapessoais e nos aspectos cognitivos, sensorial e social (Brasil, 2020), nos comportamentos restritivos e repetitivos, com graus variados de intensidade (Guedes, 2021). O processamento sensorial inadequado desorganiza o processamento dos estímulos, afetando as tarefas que envolvam reflexão, aplicação de conhecimento e a interdisciplinaridade, função essa que cabe a escola (Barros, 2019). Embora não tenha cura, intervenções precoces e estímulos adequados podem melhorar significativamente os sintomas, favorecendo a sociabilidade e o convívio, oferecendo ambiente de suporte fundamental para diminuir os sintomas e potencializar a evolução do autista.

Neste sentido, a escola desempenha papel crucial em autistas, ofertando impulsos que promovem o aprendizado, habilidades, relacionamento social, pelos sons, luzes, cheiros, exigindo habilidades como atenção, equilíbrio, destreza e consciência corporal (Monteiro et al., 2019), onde as diretrizes adotadas pelo governo garantam a inclusão destes jovens, mesmo que no decorrer das aulas persistam os desafios, pela combinação de fatores estruturais, formativos e atitudinais, cuja contribuição ainda é escassa, com pouca evolução e alto índice de evasão (Barbosa, 2018; Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Os autistas têm se tornado realidade crescente no Brasil, tanto em

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

instituições públicas quanto privadas, contudo, o setor público contratara outros profissionais de apoio que, conforme o lugar e empregabilidade, receberam nomes diversos, tais como: cuidador, monitor, mediador, estagiário mediador, auxiliar de ensino, auxiliar de vida escolar, atendente, acompanhante especializado, dentre outros, que associado ao aumento das matrículas e à ausência de metodologias validadas, representa desafio aos docentes e gestores (Bezerra, 2020).

As dificuldades escolares enfrentadas por estas crianças variam conforme o comprometimento dos seus atributos e personalidade. Os principais desafios incluem a comunicação, a interação social, a hipersensibilidade sensorial (sons, luzes e toques excessivos podem causar desconforto), a rigidez comportamental (resistência a mudanças na rotina) e dificuldades motoras (afetando tarefas acadêmicas e cotidianas), as quais precisam do terapeuta ocupacional para auxiliar nas adaptações e nos estímulos sensoriais.

Aporta e Lacerda (2018) evidenciaram que ajustes em atividades escolares, tais como: adaptação do material didático (apresentar conteúdos concretos) e a sua flexibilização (formas alternativas como oral, pictórica e tecnologias assistivas), colaboram a aprendizagem ao longo do período acadêmico.

Entre os reptos enfrentados pelas escolas, destacam-se a insuficiente preparação dos professores (maioria não recebem formação adequada para lidar com autistas), nem orientação de adaptação curricular, cujas ações pedagógicas frequentemente não contemplam as suas peculiaridades e cuja infraestrutura escolar é inadequada, pela não existência de espaços adaptados e acomodações sensoriais que somados ao preconceito, à falta de sensibilização, resulta em exclusão destes jovens que ultrapassa o ambiente escolar devido à falta de interação com colegas e professores (Burchert, 2018).

Planejar o ensino inclusivo considerando as necessidades específicas das crianças se transforma em obstáculo para muitas escolas, principalmente após o aditamento do Plano Educacional Individualizado (PEI), o qual tem se mostrado ferramenta colaborativa eficaz para que a criança absorva os conteúdos ministrados pelo docente, o que beneficiaria a todos (Silva; Camargo, 2021). O PEI funciona como mapa educacional construído coletivamente, estabelecendo metas e objetivos acadêmicos e funcionais na Educação Especial (Pereira, Nunes, 2024),

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

que inclui o nível atual dos estudantes, avaliações contextualizadas, currículo, metodologias a serem utilizadas, prazos para alcançar os objetivos e os espaços especiais, como a sala de recursos (Silva; Camargo, 2021). Sua elaboração envolve professores, o Atendimento Educacional Especializado (AEE), especialistas externos (como terapeutas ocupacionais), família e, quando possível, o próprio aluno.

Embora embasado em currículo universalizado, o planejamento individualizado assegura a convivência social destas crianças para que os conteúdos escolares, não se sobreponham, favorecendo que a alfabetização seja priorizada, sem ser percebida de maneira inalcançável, pois em condições adequadas, os estudantes devem se apropriar da leitura, escrita e letramento, apesar de sua sintomatologia que somados a flexibilidade intelectual e comportamental (Serra, 2023).

Para tanto, a multidisciplinaridade traz profissionais de diferentes áreas, que trabalham em conjunto para apoiar estes alunos neurotípicos ou com outras dificuldades que afetam o aproveitamento escolar, incluindo psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, entre outros, dependendo das necessidades específicas da escola ou do aluno. Neste sentido, o terapeuta ocupacional desempenha papel essencial na mitigação dos impactos causados pela DIS/TEA, trabalhando em parceria com professores, direção e apoiadores escolares. Ele é fundamental para implementar estratégias que promovam o desenvolvimento e a inclusão na escola (Monteiro et al., 2023), oferta conhecimentos específicos de sua área (cognitivo/comportamental), refazendo o planejamento escolar com conjunto de objetivos a serem trabalhados (Rocha; Santos; Soriano, 2021) e/ou adaptados.

As estratégias empregadas pelo terapeuta ocupacional incluem: a adaptação do ambiente (modificação do ambiente e dos materiais visando reduzir estímulos excessivos e proporcionar conforto sensorial); implantação de rotinas estruturadas (criação de agendas visuais, sinalização as atividades para garantir previsibilidade e segurança); estratégias de regulação sensorial (introdução de momentos de pausa sensorial, uso de fones de ouvido e objetos de estimulação proprioceptiva); intervenção em habilidades sociais (treinamento de interação pelos jogos, histórias

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

sociais e atividades de grupo); e o apoio à autonomia (autocuidado e participação independente nas atividades escolares).

Nesse contexto, este estudo teve as seguintes questões norteadoras: Quais são os desafios e as possibilidades na escolarização dos autistas? Que problemas e intervenções impactam nas habilidades e potencialidades destes alunos? Os objetivos do estudo foram: descrever a percepção dos docentes frente a inclusão dos alunos autistas e a percepção do terapeuta ocupacional na escola.

2. Metodologia

O estudo está sendo desenvolvido em instituições públicas regular que incluem autistas, buscando compreender os obstáculos e as possibilidades na formação acadêmica. A abordagem exploratória qualitativa que permiti análise aprofundada das percepções e experiências dos participantes, oferecendo visão detalhada sobre o fenômeno investigado, ancorado no estudo observacional, transversal e descritivo. Os critérios de inclusão, foram: terapeutas ocupacionais, professores, gestores escolares, acadêmicos de terapia ocupacional e aluno do ensino médio técnico, a seleção está sendo feita, pela amostragem intencional, priorizando indivíduos com experiência direta na inclusão.

Para obtenção dos dados se utilizou as entrevistas semiestruturadas e observação, as quais estão sendo gravadas, transcritas e analisadas para identificar categorias e subcategorias emergentes. E a apreciação dos dados está sendo conduzida pela análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), permitindo a categorização e interpretação das verbalizações de forma sistemática, onde são buscadas convergências e divergências das narrativas, visando compreender como os diferentes atores percebem e vivenciam ambiente acolhedor que promova o desenvolvimento integral dos autistas.

O estudo segue as diretrizes éticas para pesquisas com seres humanos, conforme a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e só iniciou após ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Rio de Janeiro pelo Parecer nº 7.276.465, CAAE: 84638124.1.0000.5268. Foi encaminhado para os responsáveis e para maiores de 18 anos o Registro de

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.16, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), que garante o sigilo e o anonimato das informações fornecidas.

3. Resultados e Discussão

Este estudo contou com doze participantes, incluindo cinco docentes da educação básica, duas da educação especial, uma gestora, uma terapeuta ocupacional, duas acadêmicas de terapia ocupacional e um aluno do ensino médio técnico. Todos matriculados no ensino fundamental I, II e médio de escolas públicas municipais e federais nos municípios de São Gonçalo, Cachoeira de Macacu e Magé.

Dentre as verbalizações surgiram três categorias assim distribuídas: Desafios na Comunicação e Interação Social, Carência de Formação Continuada e Profissionais Qualificados, Sobrecarga Docente e Falta de Suporte Estruturado.

Desafios na Comunicação e Interação Social

Nesta categoria, surge os reptos de comunicação encontrados pelos docentes na inclusão dos autistas na sala de aula. Ela se subdivide em: comportamento, sociabilização, comunicação, dificuldades escolares e rotinas, sendo que as primeiras atingem diretamente as práticas pedagógicas e a classe na qual estão inseridos.

O comportamento se vincula as tarefas de recusa, as regras e rotinas, ações essas que representa parábolas representada pelo ambiente, organização das experiências, manutenção da sensação de previsibilidade e segurança, que normalmente são percebidos como intensos ou desafiadores.

Para a professora 3. Os desafios que a gente mais enfrenta com os autistas é a comunicação, a interação social, fator esse que enfatizam a importância do diálogo entre a escola, família e criança, que pela união da equipe pedagógica (terapeuta ocupacional incluso) favorece a abordagem multidisciplinar no cuidado destes educandos, que unidos a falta de disponibilidade desta equipe para comunicar com os docentes, os quais realizaram visitas periódicas na escola, impossibilitando a capacitação dos mesmos e o apoio acadêmico aos docentes.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.16, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

Pellegrini et al (2022), esclarecem que o transtorno, aliado ao apoio familiar, constitui fator essencial para aptidão sociais, cognitivas e funcionais do aluno, promovendo segurança, sensação de pertencimento diante dos desafios educacionais, cujo cenário, não se mostra propicio a inclusão do aluno, oportunizando a evasão ou a saída antecipada da escola, mesmo a considerando espaço diário, que muitas das vezes retêm o autista, mas nem sempre cumprindo o que é exigido pela lei.

Os relatos dos participantes evidenciam que as desinformações representam um dos principais desafios enfrentados no enquadramento integral na escola, pois a linguagem verbal, os comportamentos repetitivos e a incompreensão das normas sociais afetam diretamente o engajamento nas atividades pedagógicas e nas relações sociais na escola.

Os docentes apontam a demanda de estratégias específicas para mediar estas interações, pelo uso dos recursos visuais, rotinas estruturadas e apoio de profissionais especializados, que devido à falta de suporte técnico e de formação adequada acarreta insegurança da docente frente as exigências da síndrome e cujo trabalho interdisciplinar com terapeutas ocupacionais e outros profissionais da saúde, podem colaborar com intervenções personalizadas e orientações práticas, favorecendo a ampliação das suas habilidades sociais e comunicativas destes estudantes na escola.

Carência de Profissionais Qualificados

A maior queixa dos docentes diz respeito à insuficiente preparação no decorrer de sua formação inicial que responda as demandas dos autistas, principalmente com destaque aos conteúdos teóricos a serem abordados na complexidade escolar.

Ao tentar embasar a teoria e a atuação do docente em sua rotina diária de sala de aula, onde ocorre os desafios (tanto gerais quanto específicos e contextuais), aliadas ao aprimoramento constante e ao apoio institucional e das famílias, o docente terá dificuldades em desenvolver eficazmente, atendendo às diferentes necessidades educacionais dos neurotípicos.

As práticas educativas inovadoras e metodologias flexíveis que vão de

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

encontro as necessidades da turma sem exclusão de nenhum aluno, buscando as situações desafiadoras ao longo de ano letivo, em atividades com metodologia inovadora na busca da inclusão e no esclarecimento de favorecer situações difíceis que surgem no decorre da aula, sem que ninguém seja prejudicado.

A docente 5 refere que: A responsabilidade de planejar, estabelecer e adaptar é toda nossa [...] e não temos estrutura psicossocial, pedagógica e etc., para lidar com tantas questões. Mantoan (2015) esclarece que o desconforto advindo das manifestações da sintomatologia autista torna-se, muitas vezes fundamental para que a escola altere seus parâmetros e se transforme em mais solidária e plurais de convivência. A ausência de disciplinas, cursos, materiais e informações específicas influenciam no sentimento de despreparo do docente frente à sua prática pedagógica com estes alunos, os quais anseiam por informação, orientação adequada e acolhimento de suas dificuldades para apoiar a hegemonia e a primazia dos conteúdos. Desta forma, eles se sentem prejudicado pelos usos de estratégias pouco efetivas, generalista, que não atende os paradigmas da inclusão, porque entende-se por exclusão a ignorância do aluno frente aos padrões de cientificidade, porem se fecha a novas formas de ensinar e novos conhecimentos.

Os docentes demonstraram receptividade e apoio às orientações dos terapeutas ocupacionais, reconhecendo que estas contribuições favorecem um leque de possibilidades que ultrapassa a inserção das salas regulares para as especiais. Estudos indicam que essa colaboração interdisciplinar potencializa as práticas pedagógicas inclusivas e fortalece o suporte às necessidades dos estudantes (Almeida; Sousa; Lima, 2020), que atinge as atividades humanas em todas suas atividades, sejam elas afetadas ou não pela deficiência.

Esta análise evidenciou a desinformação sobre autista e práticas inclusivas que impactam negativamente na atuação dos docentes, os quais se sentem inseguros e despreparados para agirem frente as demandas complexas destes alunos, que pelo inchaço da justaposição entre ensino regular e especial, todos devem frequentar as salas de aulas, mesmo que ocorra a segregação de programas faz-se necessário a criação de conscientização dos docentes frente a aprendizagem de todos os alunos.

Os participantes relataram dificuldades em adaptar as metodologias

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

convencionais estabelecidas como estratégias de aproveitamento de certos alunos em comparação aos que apresentam dificuldades de assimilação dos conteúdos que somados aos sinais e sintomas das síndromes, ampliam as necessidades de atualizar a maneira de ensinar e de transmitir conteúdos numa linguagem que todos entendam, oportunizando clima solidário entre todos os participantes da sala de aula.

A falta de profissionais especializados, como terapeutas ocupacionais inseridos nas equipes escolares, favorece a descontinuidade do ensino e em vez de somar, ocorre a divisão, pela incapacidade de orientar ou de se encontrarem presentes na escola, agravando o cenário e limitando o suporte efetivo e interdisciplinar, seja pela carência de políticas públicas que incentivem a formação individual e continuada direcionada a inclusão escolar e a contratação de profissionais qualificados reforçando a urgência de ações estruturais que valorizem os educadores, promovam a inclusão como direito garantido, e não apenas como ideal.

Sobrecarga Docente e Falta de Suporte Estruturado

Para enfrentar a carência de formações específicas e contínuas, muitos docentes têm buscado capacitação por iniciativa própria, desenvolvendo pesquisas, realizando cursos e oficinas fora da rede escolar. Este esforço evidencia tanto no compromisso com a educação inclusiva quanto na sobrecarga que enfrentam ao suprir, a ausência de apoio institucional.

Ao desenvolverem suas estratégias, demonstram não apenas dedicação, mas também a urgência de adaptar o ensino às necessidades dos autistas, que somados a ausência do profissional de apoio qualificado. Pode-se notar pela fala do docente 1 Precisamos de formação continuada, treinamentos [...] um Professor de Apoio Especializado ou mediador iria auxiliar e muito.

Mesmo que a legislação brasileira assegure o direito ao acompanhamento por cuidadores para alunos com deficiência, a efetivação desta medida encontra diversos entraves na prática escolar, pois faz-se necessário que estes profissionais, garantam o acesso, a permanência e o êxito de todos os estudantes no ambiente educacional, que nem sempre é autorizado pelos gestores escolares, pois alegam

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

limitações orçamentárias, desconhecimento das normativas vigentes ou preocupações quanto à interferência na dinâmica pedagógica.

Tal postura compromete significativamente os princípios da inclusão, uma vez que, a ausência do cuidador, pode acentuar barreiras ao desenvolvimento e à aprendizagem destes alunos, além de sobrecarregar os docentes que, na maioria das vezes, não dispõem de formação adequada para lidar com as demandas específicas decorrentes das deficiências. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), em seu artigo 3º, inciso IV, destaca o atendimento educacional especializado como direito, e o Decreto nº 7.611/2011 prevê, no artigo 3º, inciso IV, o apoio de profissionais como cuidadores escolares, reforçando a responsabilidade do Estado e das instituições de ensino em garantir os recursos necessários para a inclusão efetiva (Brasil, 2011; 2015).

Mantoan (2006) e Carvalho (2013) também alertam para a necessidade de romper com as práticas excludentes e promover cultura inclusiva, baseada em acessibilidade, metodologia aplicada e apoio pedagógico. Para Nascimento et al. (2018), o cuidador exerce papel essencial na inclusão, pois acompanha o aluno desde sua chegada à escola até a saída, prestando auxílio em tarefas de higienização, recreação, alimentação, entre outras, que unido as suas experiências acadêmicas favorecem o desenvolvimento de habilidades sensoriais, motoras, cognitivas , emocionais e sociais da criança, fortalecendo o processo de aprendizagem e contribuindo para amparar o docente em suas práticas escolares.

Outro ponto destacado é a escassez de materiais pedagógicos nas escolas, o que frequentemente os obriga a adquirir jogos educativos entre outros com recursos próprios, fora do horário de trabalho, reforçando o cenário de sobrecarga, onde o docente compensa a ausência pelos investimentos na criatividade e comprometimento pessoal.

Para Sousa e Tagarro (2020) o brincar é ferramenta essencial para o desenvolvimento infantil e assume papel mais significativo no contexto escolar de crianças autistas, pois pelas brincadeiras, ela desenvolve habilidades sociais, emocionais, cognitivas e motoras, além de explorar diferentes formas de comunicação e interação com o meio. Na escola, o brincar Oliveira (2022) deve ser valorizado como estratégia pedagógica e terapêutica, favorecendo a inclusão e o

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

protagonismo destes alunos. Entretanto, muitas vezes o espaço escolar ainda apresenta limitações na oferta de atividades lúdicas adaptadas e na formação de professores para compreender e utilizar o brincar como recurso de desenvolvimento e aprendizagem (Camargo, Bosa, 2009), sobretudo quando há profissional capacitado para guiar e ampliar as experiências da criança.

Cabe ao terapeuta ocupacional favorece a autonomia, a socialização, a cooperação e trabalho em grupo, além de estimular capacidades de resolução de problemas, promovendo o desenvolvimento de aspectos socioafetivos, motores e cognitivos e auxiliando a criança na linguagem, contagem e expressão, podendo contribuir significativamente para a construção de práticas inclusivas, atuando junto à equipe escolar na promoção do brincar como direito e como meio de expressão das potencialidades da criança autista.

No entanto, a escassez de recursos compromete a qualidade das intervenções, pois são os docentes que adquirirem materiais revelando a falta de investimento em infraestrutura voltados à educação inclusiva nas escolas públicas. Estas demandas evidenciam que, para alcançar a inclusão de qualidade, é necessário investir em profissionais capacitados, formação docente contínua, infraestrutura adaptada, tecnologias e parcerias com as famílias, elementos esses essenciais para criar ambiente inclusivo que permita que todos os alunos participem plenamente das atividades escolares.

Neste contexto, a inserção do terapeuta ocupacional na área educacional pode ser ampliada, pela sua atuação frente ao aluno inclusivo, tendo por meta a estimulação cognitiva, a adaptação de materiais e a regulação, indo em busca de amenizar a sobrecarga docente e o fortalecimento ao suporte estruturado e diminuindo a sensação de incapacidade dos docentes frente a estas crianças.

Os professores relataram altos níveis de estresse relacionados à multiplicidade de funções que exercem, à escassez de tempo para planejamento de atividades e conteúdos adaptados e à falta de apoio técnico-pedagógico para lidar com as especificidades destes estudantes. Adiciona-se a isso a carência de recursos materiais, da falta de formação continuada e de equipes multiprofissionais nas escolas, comprometendo não apenas o processo de ensino-aprendizagem, mas também o bem-estar dos próprios docentes. Os dados reforçam a

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

necessidade de políticas públicas que contemplem a ampliação de equipes interdisciplinares, como a presença do terapeuta ocupacional no contexto escolar, e a implementação de estratégias de apoio institucional que assegurem melhores condições de trabalho, contribuindo para a inclusão efetiva e sustentável.

4. Conclusão

Ao finalizar a análise preliminar dos dados desta pesquisa, constatou-se que os objetivos que norteiam este estudo foram atendidos adequadamente, levando em consideração as percepções dos docentes dos municípios investigados. Identificou-se a necessidade de ajustes na metodologia, de modo a atender melhor a todos os envolvidos e gerar facilidades na escolarização de alunos com Transtorno do Espectro Autista e que a mesma possa ser abordada de diferentes formas, pela integração e acomodação sensorial que se apresentam como estratégias adequadas para acolher tanto o aluno quanto os docentes e familiares na escolarização. A atuação dos terapeutas ocupacionais se mostra fundamental nesse contexto, promovendo ambiente inclusivo e cooperativo entre docente e as instituições de ensino.

Os docentes, por sua vez, destacaram que a convivência de alunos com TEA com seus colegas de classe é um grande desafio. No entanto, o ambiente escolar oferece oportunidades valiosas para a interação social e a convivência coletiva, o que, por sua vez, possibilita novas conquistas de autonomia e independência para os estudantes. A pesquisa revelou também que, apesar dos avanços significativos no diagnóstico e nas legislações relacionadas ao autismo, a sua inclusão nas escolas ainda gera muitas incertezas para familiares e equipe pedagógica escolar, sendo que a maior expectativa dos responsáveis se localiza na possibilidade de seus filhos conviverem e interagirem com outros colegas e professores e aceitam o outro se integrando no grupo escolar e adquirindo conhecimentos específicos visando desenvolver sua escolaridade.

Ao analisarmos a atuação do terapeuta ocupacional na escolarização destas crianças, observam-se que esta é uma área interdisciplinar em expansão, pois este profissional integra saberes de diversas áreas para promover a reabilitação, a

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

autonomia, a funcionalidade e a independência dos alunos, além de apoiar docentes e familiares no processo educacional, cuja atuação se caracteriza por estratégias de apoio aos gestores e professores, com intervenções terapêuticas planejadas de acordo com as necessidades de cada aluno. Contudo, apesar da relevância desta atuação, ainda é evidente a falta de suporte de equipes multiprofissionais em muitas escolas, o que revela uma lacuna na estrutura educacional e a falta de investimento público nas equipes de apoio escolar.

Nesse cenário, o terapeuta ocupacional pode atuar diretamente na realidade escolar, promovendo o desempenho ocupacional dos alunos com TEA por meio de adaptações de materiais pedagógicos, uso de tecnologias assistivas, desenvolvimento cognitivo, estímulo à consciência corporal, além de promover o brincar e as vivências coletivas, também pode oferecer orientações importantes para professores e familiares, garantindo abordagem mais integrada e eficaz.

Portanto, para que a inclusão destes alunos seja efetiva e de qualidade, é essencial que sejam considerados em sua totalidade, o que exige a articulação entre diferentes áreas do conhecimento, pois o trabalho colaborativo entre os setores da saúde e da educação, embora ainda não amplamente explorado em muitas realidades, é cada vez mais necessário. Dessa forma, reforça-se a importância de novas pesquisas, produções acadêmicas e práticas interdisciplinares visando construção da escola verdadeiramente inclusiva.

Referências

ALMEIDA, M. A.; SOUSA, M. C.; LIMA, A. C. B. Atuação do terapeuta ocupacional no ambiente escolar: possibilidades e desafios. São Carlos, **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 28 (1): 234–245, 2020.

ANDRADE, M.L. Práticas pedagógicas para alunos com TEA. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação Especial**, 26 (3):122–137, 2020.

APORTA, Pde S; LACERDA, CG. Adaptações curriculares no ensino comum: mediações pedagógicas para a inclusão escolar. Marília, **Revista Brasileira de Educação Especial**, 24 (1): 77–92, 2018.

ARAÚJO, C.R. A invisibilidade da deficiência intelectual na escola regular. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação Especia**l, 26 (3): 88–102, 2020.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

BARBOSA, M.A. **Evasão escolar e dificuldades de aprendizagem: um olhar sobre a inclusão**. São Paulo: Cortez, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, M.S. O impacto das disfunções sensoriais no desempenho escolar de crianças com TEA. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação Especial**, 25 (2): 98–112, 2019

BEZERRA, G.F. A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva: a problemática do profissional de apoio à inclusão escolar como um de seus efeitos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 26 (4): 673-688, 2020.
BRASIL. Ministério de Educação. **Lei 13.977/2020**, 2020.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializad**o. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2011.

BURCHERT, A. **O profissional de apoio no processo de inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial no ensino público fundamental** Dissertação de Mestrado, Universidade La Salle, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil, 2018.

CAMARATA, S; MILLER, L.J; WALLACE, M.T. Evaluating sensory integration/sensory processing treatment: issues and analysis. **Fronteiras in interative neurociência**, 14: 556660, 2020.

CAMARGO. **A escola pública como direito para as classes populares [recurso eletrônico]: exclusão e inclusão nos processos de ensino, avaliação e aprendizagens em escolas municipais de Uberlândia-MG**, Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Brincadeira e autismo: contribuições para a compreensão do desenvolvimento infantil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa,** Brasília, v. 25, n. 3, p. 387-394, 2009.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

CARVALHO, R.E. **Inclusão: diversidade na educaçã**o. Porto Alegre: Mediação, 2013.

COSTA, Dda S; SCHMIDT, C; CAMARGO, S.P.H. Plano Educacional Individualizado: implementação e influência no trabalho colaborativo para a inclusão de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação**, (28): 1–25, 2023

GUEDES, A.P. **Transtorno do Espectro Autista: teoria e práticas inclusivas**. São Paulo: Vozes, 2021.

MANTOAN, M T E. **Inclusão: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Sumus, 2015

MONTEIRO, R.C.; SANTOS, C.B; ARAUJO, R.C.T; GARROS, et al. Percepção de Professores em Relação ao Processamento Sensorial de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Bauru, **Revista Brasileira de Educação Especial**, 26 (4): 623-638, 2020.

NASCIMENTO, Y.C.M.L et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**. 32, 2018

OLIVEIRA, S.A.R. **Brinquedos de sucata e estratégias para o aprendizado de crianças autistas na cidade de Guanambi–Bahia**. Dissertação do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade, da Universidade do Estado da Bahia. 2022

PELLEGRINELLI M.J., et al. Abordagem dos impactos na qualidade de vida de pacientes adultos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) não diagnosticado. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, 18: e1 1084, 2022;

PEREIRA, D.M.; NUNES, D.R.P. Elaboração e validação de um Plano Educacional Individualizado para alunos com autismo: contribuições de um programa de formação docente**. Revista Educação em Questão,** 62 (71), 2024.

ROCHA, A.N.D.C.; SANTOS, C.B. dos; SORIANO, F.D.F. Consultoria Colaborativa Direcionada a Estudantes com Transtorno do Espectro Autista: Enfoque na Integração Sensorial. In: KETILIN; MARQUES. **Educação especial: do pensar ao fazer**. Marília: ABPEE, 2021

SERRA, D. **Alfabetização de alunos com TEA**, volume 1. 2. ed. Rio de Janeiro:

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/np51r833

Wak Editora, 2023.

SERRANO, Paula. A inclusão escolar de alunos com TEA: desafios na formação docente. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação Inclusiva**, 12 (2): 45-60, 2016.

SOUSA, R., TAGARRO, M. A importância do uso de materiais lúdicos e jogos na educação de infância. **Revista da UI_IP Santarém**. 8 (2): 129-143, 2020.

WEIZENMANN, D. A.; PEZZI, M. A.; ZANON, C. J. A inclusão de alunos com deficiência no ensino comum: percepções de professores da educação básica. Marília, **Revista Brasileira de Educação Especial,** 26 (2): 211–226, 2020.

.